

KC

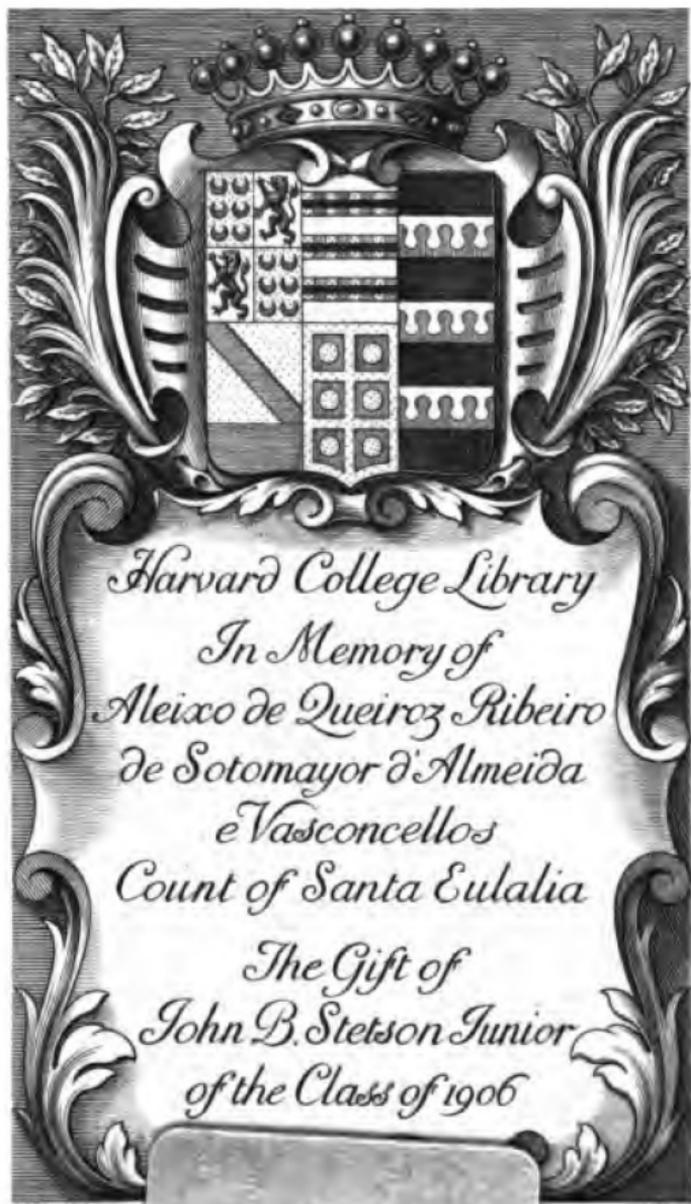
15622

HN 3EZ7 D



~~39,86,75~~

KC 15622











o

AS  
ODES  
DE

ANACREONTE DE TEOS  
PARAPHRASEADAS

POR

FRANCISCO MANOEL GOMES  
DA SILVEIRA MALHAO.



LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO M. DCCC. IV.

---

*Por Ordem Superior.*

KC 15622

~~Gr 39.86.75~~

HARVARD COLLEGE LIBRARY  
COUNT OF SANTA EULALIA  
COLLECTION

GIFT OF  
JOHN B. STETSON, Jr.

MAY 28 1924

## AOS LEITORES.

**O** Amor, que desde meus primeiros annos, adquiri ás Poesias de Anacreonte, fez-me então produzir algumas deste genero, e imitar as Odes, que mais me tocarão.

Entrei na empreza de o traduzir, não para os Doutos, que o conhecem, mas para o resto, a quem he desconhecido.

Metti as mãos á obra; mas logo me achei embaraçado, nas diversas intelligencias de seus mais famosos Traductores, dos quaes me servia, por não ter o preciso conhecimento da Linguagem Grega: por matar com tudo a fome que tinha, de que também houvesse entre nós este Poeta Feiticeiro, e de ir por este modo desafiar algum habil engenho, que consiga, o que eu pude sómente desejar, troquei o appetite da Traducção, que desejava dar-vos, no desta Paraphrase que vos apresento.

Ella concluiu-se; e como tal a deveis olhar, debaixo deste meio termo; que eu conciliei as opiniões de muitos, guiado das vistas fundamentaes de Henrique Estevão, e de Mathias André: não fui muito longe do que os mais dizem, e elle me confirmava, senão quando precisei afastar-me da Philosophia do Poeta Pagão, para não escandalizar ouvidos, instruídos nos sólidos principios, e fins, que elle desconheceu.

Serei contente de contentar-vos, e tambem de que este meu trabalho, seja o estímulo, que mova outro genio; e que se consiga, como póde ser, o que eu desejei, e não pude.

Valete.

A V I D A  
D E  
ANACREONTE.

**E**ste Poeta célebre nos seus dias, e de geral estimação em todas as Idades, teve o seu berço em Teos, Cidade da Jonia, que depois se chamou Susor, planrada na Costa meridional do Isthmo, fronteira a Clazomena Cidade da Azia Menor, também na Jonia, que hoje se chama Kelisman, e não em Theios, Cidade da Paphlagonia, segundo Estrabão. livr. 4.

He incerto o verdadeiro nome de seu Pay; huns como Suidas, seguem que se chamava Scytino: Outros Fumello; alguns Parthenio, e não poucos, que o seu nome era Aristrocrito.

Sabe-se por huma passagem de Plató, que o Poeta era parente de Solon por seu Pai, quem quer que elle fosse, e por sua Mãe de Pisistrato; argumen-

## VI. A V I D A

to de grande Pessoa, por ser por Solon do sangue de Codro, filho de Melantho, e ultimo Rey dos Athenienses, e da parentela de Pisistrato, não o que foi Rey dos Orchomenienses, mas sim, do que reinou em Athenas, com varia fortuna, e que deixou Real descendencia, em seus dois filhos Hippias, e Hipparco.

O tempo, em que floreceo, tem sido disputado: querem huns, segundo Eusebio, que foi pelos annos de Cyro, Cambises, e Dario; e então vem a ser na LXII. Olympiada, e corresponde a 532 antes da vinda de Christo; e outros, segundo Suidas, que foi na LII. Olympiada, 572 antes da era Christã. He a terceira opinião, e a mais seguida, que foi Coevo de Solon, de Esopo, Cresso e Pisistrato, e por tanto floreceu no tempo de Polycrates 500 annos, anteriores ao nascimento do Salvador.

Este Polycrates, que reinou em Samos, fez huma grande estimação, e apreço da pessoa de Anacreonte, tendo-o do seu concelho, e admitindo-o nos prazeres, e privança, e enriquecendo-o com assos de sua generosidade.

## DE ANACREËONTE. VII

Conta-se huma passagem, que mostra a amizade do Principe para com o Poeta, e o desinteresse do mesmo Poeta; de que são testemunho muitas de suas Odes, qual a Ode 15. 23, e outras.

Diz-se pois que este Soberano o brindára com ávultada somma de dinheiro, segundo aquelles tempos; e que mettêdo-o Anacreonte em casa, lhe dera tanto cuidado a sua guarda, que duas noites passára muito incommodado; pelo que no dia seguinte lhos entregára, dizendo-lhe, que não queria comsigo cousa, que lhe roubasse o seu descanso. Madama Dacier, e Mr. de La Fosse, tem isto por improprio, e o caracterização de historiera.

Não foi só Polycrates o Principe que fez estimação deste Poeta. Hipparcho, filho de Pisistrato lhe enviou hum Navio de cincoenra remos, para nelle passar o mar Egeo, e cômunicallo na sua Corre de Athenas, isto com cartas muito obrigatorias, e encomios de seus talentos, e virtudes.

Da estimação, que delle fizeram estes dois Principes, e principalmente Hipparcho, tão grande Amigo dos doutos, que, além de Anacreonte, teve na sua

## VIII. A V I D A .

Corte, também ao Poeta Simonides, se collige, em primeiro lugar, que este grande homem não possuía sómente o dom da Poesia, mas também o conhecimento das outras Sciencias, e adorno das qualidades, que o constituirão digno do lado, e comunicação dos Soberanos de seu tempo.

Isto mesmo se comprova, com a authoridade de Platão, que não duvidou dar-lhe o nome de Sabio; e em hum seu Dialogo, sobre a Temperança, honra sua pessoa, nome, e virtudes.

Em segundo lugar, que he falso o character, com que se tem afeado sua memoria, dando-lhe o attributo de debochado, e lascivo, sem mais apego, que ás Bacchanaes, e á soltura de Venus: porque Platão no sobredito Dialogo, introduzindo Socrátes a fazer o elogio do mancebo Charmides diz „ Era justo „ Charmides, que até nisso fosses também superior à todos os mancebos „ d'Athenas: pois aonde se acharão duas „ casas de alliança, das quaes se derive „ huma casta de homens, mais bella, e „ tão virtuosa? Por parte de vosso Pai, „ descendeis com Critias, da antiga familia de Dropidas, de Anacreonte, e

## DE ANACREONTE. IX

» e de Solon, que em todos os tempos  
» se distinguirão, por sua galhardia,  
» por suas virtudes, e por suas rique-  
» zas; e da parte de vossa Mãe. &c.

Ser huma grande porção de suas Odes em louvor de Baccho, e dos effeitos diversos do licor de seu invento, quaes a 1. 13. 15. 17. e outras muitas, he argumento, mas não he prova, que o vinho fosse a sua paixão dominante: Hum homem pagão, e de humor tão alegre, e desempedido, como no-lo transmite a historia, e elle se retrata tantas vezes, e tão dado aos assumptos alegres, nas delicias da Corte, nos grandes banquetes, bem que de grandes Personagens, era impossivel que não adoptasse o genero da Poesia, propria destas situações; e conjunções! entre nós seguirão esta qualidade de Poemas, Garção, Diniz da Cruz e o Padre Soyé, e nem por isso, já mais disse alguém, que adocessem de semelhante vicio.

Está tambem a favor destas conjecturas, que, compondo este Poeta, Poemas d'outros generos, de que sómente restão fragmentos, nellas não apparece a attribuida paixão pelos copos: donde se vê, que o defeito he mais da quali-

## X. A VIDA

dade do género , do que da paixão particular do seu Author : nem mesmo , que nos banquetes tivesse algum excesso , chegava á nota de nossos dias , porque a Religião de Anacreonte , como pagã , e destituida das verdadeiras luzes , estribava a moral da sua felicidade nos prazeres da vida ; e como não esperava recompensa do bem , nem castigo do mal , tinha estes deleites por seu bem , e a morte por fim de tudo.

Diz-se que amára com extremo hum mancebo por nome Bathylo , e disto he testemunha o mesmo Anacreonte na Ode 9. em que lhe escreve ; na 22. em que o convida a hum lugar delicioso ; e na 29. aonde relata suas bellezas , e em allusão a esta amizade , he que Horacio cantou ,, Epod. Ode 14. v. 9.

*Non aliter Samio dicunt arsisse Bathyllo  
Anacreonta Teium.*

Isto porém não prova , que esta amizade fosse defeituosa ; até hoje nenhum Escriptor fez máo character a Virgilio , e nem por isso deixou de mostrar-se muito afeiçoado á Alexis , e pela mesma expressão ; na Eccf. 2. disse:

## DE ANACREONTE. XI.

*Terminusum pastor Coridon adibat Alaxin.*

Sobreveio-lhe a morte aos 85 annos de sua vida, passada nas estimações de seus Coevos, e nas delicias, e regalos do seu humor jovial, e da sua Philosophia: diz-se, que affogado com hum bago de uva, que não podera engolir; mas he natural, que fosse de alguma tosse que este lhe causasse, catando-lhe no gotto.

O merecimento de suas Poesias he indisputavel: hum Sabio de nossos dias, fazendo juizo sobre ellas, explica-se desta maneira.

„ He mais facil alcançar os vãos  
„ remontados de Pindaro, copiar os  
„ quadros magnificos de Homero, imitar  
„ os sons tragicos de Sophocles, e d'Eu-  
„ ripides, do que colher as graças sin-  
„ gulas de Anacreonte, com a mesma  
„ frescura com que nascêrão: a vivaci-  
„ dade dos pensamentos, e das ima-  
„ gens; a naturalidade dos sentimen-  
„ tos; huma mollesa elegante, e vo-  
„ luptuosa; huma negligencia amavel  
„ e mais difficil de apanhar, do que  
„ todos os ornamentos de engenho; a

## XII. A V I D A

” ligeireza do pincel; a delicadeza dos  
” rasgos; a simplicidade do colrido; a  
” brevidade da dicção; a facilidade do  
” estilo, e a maneira graciosa de fal-  
” lar, que parece que o que diz, não  
” póde, nem deve dizer-se de outro mo-  
” do, tudo isto são bellezas nativas,  
” que mal se imitáo fóra da lingua em  
” em que nascêrão.

Da doçura de seus versos, disse Escaligero, que os achava mais doces, do que as canas de assucar, que nascem na India; e da facilidade cantou Hor. no Epod. Ode 14. v. 11. e 12.

*Qui persape cava testudine flevit amorem,  
Non elaboratum ad pedem.*

---

A S  
O D E S  
DE ANACREONTE.  
PARAPHRASEADAS.

O D E I.

*A sua Lyra.*

**P**ropuz-me a cantar na Lyra  
Dos Atridas o louvor;  
Quiz tecer os elogios  
De Thebas ao Fundador  
As cordas feridas,  
Por mão superior,  
Meu canto invertião,  
Em cantos d'Amor.

\*

Tirei-lhas todas, prendi-lhe  
Outras de tempra melhor,  
E dos Herçuleos trabalhos  
Comecei 'a ser cantor ;  
A Lyra rebelde  
A seu tangedor,  
Trocava meu canto,  
Em cantos á Amor.

\*

Adeos Atidas valentes,  
Adeos filho d'Agenor  
Adeos Alcides, Heroes  
Dignos de canto maior ;  
Não tendes em mim  
O vosso cantor ;  
A lyra qu'eu pulso,  
Nasceo par'Amor.

---

O D E II.

*Ao poder da Formosura.*

**A** O Toiro, ao Cavallo, ás aves,  
Aos mudos peixes do mar,  
Deo prudente a natureza  
Com qu'a força repulsar.

\*  
Ao toiro, poz-lhe na frente,  
As pontas d'arremeter;  
Ao cavallo deo nas patas  
Com que fugir, e offender.

\*  
A's aves deo leves pennas,  
Que fendem os densos ares,  
Aos peixes as barbatanas,  
Que rasgão os fundos mares.

\*  
Ao Leão sanhudo, e fero,  
Além das garras valentes,  
Deo-lhe boca larga, e funda,  
Armada d'agúdos dentes.

\*

Ao Home', este ser dotado  
De mais alta perfeição,  
Deo-lhe madura prudencia,  
Deo-lhe sagrada razão.

\*

Por acaso das Mulheres  
A Mãi commum s'esqueceo?  
Esgotou os seus thesoiros!  
E ao fragil sexo que deo?

\*

Deo-lhe mais; deo-lhe a belleza,  
Impenetravel escudo!  
Arma por si mais valente,  
Que ferro, que fogo, e tudo!

\*

Porque o rosto feiticeiro,  
D'huma galante mulher,  
Abranda o peito mais duro,  
Resiste ao maior poder.

\* 3 \*

O D E III.

*O Amor perdido de noite.*

**A** Qui ha pouco, alta noite,  
Quando toda a terra estava  
Em hum silencio profundo,  
E já Morpheo s'espalhava  
Pelo froixo corpo meu,  
Cupido, na minha porta,  
A rijos golpes bateu.

\*

Quem he lá? - lhe perguntei:  
Quem vem meu somno quebrar?  
Abre, me diz: abre a porta;  
Eu não sou de recear,  
Vem que sou tenro menino,  
Todo alagado, e co'as trevas  
Perdi neste valle o tino,

**B**

\*

Isto ouvindo enternecido.  
 Ergui-me, e luz accendi;  
 Abri a porta, e por ella  
 Entrar hum menino vi:  
 Era loiro, arco trazia,  
 Azas tinhá, e eburnea aljava  
 Dos hombros-nús lhe pendia.

\*

Dei-lhe a mão, levei-o ao fogo;  
 As minhas logo aquecei,  
 E as alvas frigidias mãos  
 Caridoso lhe esfreguei  
 E como molhado o vi,  
 A chuva de seus cabellos,  
 Para aquiecer, lhe espremi.

\*

Mal qu'elle enxuto se vio;  
 Me disse: vamos nós ver,  
 Se pode a chuva d'este arco  
 A rija corda offender?  
 Seu arco traça na mão,  
 Une as pontas, e me atira  
 Humma setta ao Coração.

E

\* 7 \*

\*

Então salta, e diz-me rindo:  
Congratula-te cōmigo  
Oh bemfeitor! o meu arco  
Não soffreo menor perigo:  
O meu arco illeso está,  
Mas teu pobre coração,  
Que dores não sentirá!

---

O D E IV.

**E**M Leito de tenros mirtos,  
E do loto verdejante,  
Beberel gostoso as taças,  
Desse licor espumante.

\*

Desate Cupido a venda;  
E a rubra capa traçando,  
A deite ao hombro, e ligeiro  
Vá-me os copos ministrando.

B ii

\*  
Se iguais á sombra que passa  
Nos fogetti os nossos dias,  
E depois os duros ossos,  
S'naode tornar cinzas frias.

\*  
Para qu'havemos andar,  
N'huma continua amargura,  
Se os folgazoens, e os tristes  
Vão iguais á sepultura!

\*  
Não he melhor, este espaço,  
Medir, em folguedo bom,  
Em companhia decente,  
Cantando da Lyra ao som?

\*  
Se hade aos vivos esconder-me,  
Para sempre a terra fria,  
Quero folgar; não he crime,  
Huma innocente alegria.

O D E V.

A' Rosa.

**J** Untemos ao Bromio  
A rosa engraçada,  
A flor, aos amôres,  
E a Amôr dedicada.

Co'a rosa fragrante  
As frentes ornemos  
Despois, entre os copos,  
Alegres folguemos.

\*

A rosa engraçada  
He honra das flores,  
D'Abril e de Maio  
Empenho, e amores.

He mimo dos Deoses,  
E o moço Cupido,  
Seu loiro cabello  
Traz d'ellas cingido,  
Só dança co'as graças  
No monte de Guido.

\*

O' Baccho ! de rosas  
Me crôa e m'inspira ;  
Irá no teu templo ,  
Soar minha lyra !

E tendo enastrada  
De rosas a frente ,  
A par da Belleza ,  
Meu bem e esperança ,  
Marcarei contente  
Das Ninphas a dança .

O D E VI.

*Ao mesmo motivo.*

V Amos de rosas  
A frente ornar ;  
Vamos beber ,  
Vamos dançar ,

\*  
Guapa donzela ,  
Co' pé mais lindo ,  
Ao som da Lyra  
O chão ferindo .

\*  
Menêa hum thryso,  
Na mão formosa,  
Todo enramado  
D'hera viçosa.

\*  
Gentil mancebo  
Ledo, e contente,  
Com Cyprio aroma  
Ungida a frente,

\*  
Move ligeiro  
Alterna a planta,  
E ao sôm das cordas,  
Suave canta.

\*  
Cupido loiro,  
Baccho prestante,  
Venus que os risos  
Traz no semblante.

\*  
Guião das festas  
A divindade,  
Prazer da fria,  
E ardente idade?

---

O D E VII.

*Vencimento d' Amor.*

**S** Em arco, aljava, nem settas,  
Me assalta Amor de repente;  
Co' huma vara d'Hyacinto,  
Na sua dextra sómente.

\*  
Soube o Deos, qu'eti blasonava,  
De negar-lhe adoração;  
Quiz, provando o seu poder,  
Punir a minha izenção.

\*  
Vara tão curta, e tão debil,  
Na mão Juvenil brandindo,  
Decretou-me imperioso,  
Lhe fosse os vãos seguindo.

\*  
Quiz, não pude resistir-lhe;  
E forcejando meus passos,  
Fui por valles, fui por montes,  
Em continuos embarços.

\*

Fui por bosques condensados,  
Thé qu'em montes penhascosos,  
M'achei d'hum hydra mōrdido,  
Pelos dentes venenosos.

\*

Subitamente a minha alma  
Senti meus labios tocando,  
E quasi, quasi, que a vi  
Dentr'elles ir-se escapando.

\*

Eis Amor me dá co'as azas,  
Vendo-me afficto, e choroso,  
E diz-me, n'um tōm pesado,  
E ao mesmo tempo ardiloso.

\*

Rebelde, a tua esquivaça.  
Foi causa deste castigo  
Deves amar; e se amares,  
Entrarás no meu abrigo.

---

O D E VIII.

*Ham Sonho.*

**D**espois que de Baccho  
Tomei os licores,  
Brindando risonho  
Ao Deos dos amores;

\*  
No leito estofado  
Me fui estender,  
E veio Morpheo  
Meus olhos correr.

\*  
Mostrou-me este Deos,  
Commigo enredada,  
De Nymphas galantes;  
A chusma engraçada.

\*  
E eu ledo, saltando  
No meio das bellas,  
Em giros ligeiros  
Folgava com ellas.

\*

Fez ver-me huns mancebos;  
Que Baccho mais bellos,  
Lançando-me em rosto  
Injurias, por zelos.

\*

Por dar-lhes mais raiva;  
As tento abraçar;  
Eis tudo a meus olhos  
Se perde no ar!

\*

Acódo sosinho;  
E em tanto abandono,  
Tomei por vingança,  
Tornar-me a meu sono.

---

O D E IX.

*A Pomba.*

**D** Onde vens amavel pomba?  
Onde tão rapida vás?  
Quem te encheo dos bons perfumes  
Que de ti soltando estás?

P O M B A.

Bem mal podia deter-me;  
Mas, porque tudo te conte,  
Saberás, qu'os ares corto,  
Ao mando d'Anacreonte.

\*

Sua sou: e fui-lhe dada,  
Pela bella mái d'Amor,  
Em premio d'hum hymno doce,  
Que elle fez em seu louvor.

\*

Manda-me hoje por Bathyllo,  
Rasgar esse campo etherio,  
Por Bathyllo, que hoje logra  
Sobre as almas livre imperio.

\*

Eis as cartas que lhe envia,  
De meu pescoço pendentes,  
Escritas em brando metro,  
Mas com suspiros ardentes.

\*

Elle promette, na volta,  
Por-me em minha liberdade;  
Eu não acceto; servillo-  
He mais da minha vontade.

\*

Pois que proveito me vem  
De andar por campos abertos,  
E girar pelas montanhas,  
Em vãos vagos, e incertos;

\*

Tendo, nos troncos do mato,  
Hum perigoso aposento,  
E fazer de grãos agrícolas,  
O meu preciso alimento;

\*

Se meu senhor carinhoso  
Me dá de seu fofô pão,  
Que ao bico estreito m'aplica,  
Esfarelado na mão.

\*

Se quando bebe da taça,  
N'ella me deixa beber,  
E me consente, em seus hombros,  
Minhas azas estender!

\*

Como, bebo, danço alegre,  
Sem incommodos sentir,  
E quando me aperta o somno,  
Vou-lhe na Lyra dormir!

\*

Que mais quero? em paz te fica;  
Prosigo a minha carreira:  
Tu tens-me feito fallar  
Mais qu'humã gralha palreira.

---

O D E X.

*O Cupido de Cera.*

**H** Um certo adelo outro dia  
Apregoava humi Cupido,  
Feito de cera macia;  
Eu que passava,  
Fui perguntar-lhe,  
Por quanto o dava.

\*

N'humã franca linguagem,  
Deixou na minha eleição  
A paga da linda imagem:  
E então querendo  
D'ella informar-me,  
Me foi dizendo.

\*

Não fui dessa pessa Author ;  
E vendo-a porque me custa ,  
A ter em casa hum senhor ,  
Que quanto quer ,  
Sem mais escolha ,  
Hade-o fazer .

\*

Pois bem , lhe disse eu ; e então  
M'a deu por fraca moeda ,  
Sem menor exhitação .  
E feita a merca ,  
Metto-o no Seio ,  
Porque o não perca .

\*

E digo-lhe : ó meu Cupido ,  
Trabalha por me trazer  
Sempre este peito incendido ?  
Cumpre meu rogo ,  
Pois se o não compres ,  
Lanço-te ao fogo .

O D E XI.

*A si mesmo.*

**A**S moças louçans me dizem:  
Anacreonte estás velho,  
Vê as cãs, consulta as rugas,  
Perante hum fiel espelho.

\*

Que vale, que esteja calvo,  
Ou tenha a fronte rugosa,  
S'inda sinto as mesmas forças  
D'huma idade vigorosa!

\*

Por isso mesmo, que perto  
Vejo o prazo á minha vida,  
E sempre a levei contente,  
Tenha o seu fim divertida.

ODE XII

*A' Andorinha.*

**C**Om que genero de pena,  
Tê não deveria agora  
Ir castigar Justiceiro,  
Andorinha palradora?

\*

Cortando-te as leves azas?  
Ou, sem menor piedade,  
Exercendo em tua lingua  
De Teréo a crueldade?

\*

Porque viestes cantar-me,  
Ind'antes de nado o dia,  
E despertar-me do sono,  
Que Bathyllo me fingia?

---

O DE XIII.

*A si mesmo.*

**D**iz-se, que Atys, moço Frigio,  
Cheio d'estranho furor,  
Nas montanhas, por Cibelle,  
Soltava hum alto clamor.

\*

Diz-se, que quantos bebião  
Nessa fonte celebrada,  
Que em Jonia fora aos Misterios  
Do Loiro Deos consagrada,

\*

Com valente entusiasmo,  
Transtornada a fantasia,  
Vagavão, enfurecidos  
Do Sacro dom da Poetia.

\*

Eu então, de Bromio cheio,  
De perfumes, e de flores,  
C'os olhos na minha amada,  
Arde em mais doces furores.

O D E XIV.

*A Cupido.*

**N**ÃO posso fugir d'amar:  
Cupido bem me avisava,  
Mas eu, ou tonto, ou isento  
De seus avisos zombava.

\*

Até qu'elle resolute,  
Vendo-me andar nest'empate,  
Tomou carcaz, arco, e Settas,  
E convocou-me a combate.

\*

Armei-me eu, qual outro Achilles  
De Lança, de escudo, e malha,  
E offereci-me arrogante  
Ao Deos menino, em batalha.

\*

Elle Settas, sobre Settas,  
Contra mim arremessou,  
Até que da eburnea aljava  
Todos os tiros gastou.

\*  
Que faz então; irritado,  
Por ver-me, huma vez sujeito,  
Em vez de setta, a si mesmo  
Se atira contra meu peito.

\*  
No fundo do coração,  
Me senti logo ferido:  
Outro remedio não tive,  
E confessei-me vencido.

\*  
Ninguem, com rija armadura,  
Contra este Deos se precate;  
Não valem armas por fóra,  
Quando he por dentro o combate!

---

O D E XV.

*De si mesmo.*

**A** Mim não m'importa Giges,  
Com toda a sua riqueza,  
Não quero ouro, nem m'encanta  
Dos Monarcas a Grandeza,

\*

O meu gosto he perfumar-me,  
Co'os aromas do Oriente,  
E atar Capellas de Rosas  
Em redor da minha frente.

\*

Só m'importa o dia d'hoje;  
Pois quem sabe o que hade vir?  
Se a sorte o deixa, passemos  
O tempo a beber, e a rir.

\*

Quem me diz, que de repente  
Hum morbo, que a vida arrasta,  
Não vem dizer-me aos ouvidos,  
Oh! tens bebido o que basta?

---

O D E XVI.

*De si mesmo.*

**T**U cantas as Guerras  
D'antigos Thebanos;  
Aquelle os combates  
Dos fortes Troianos.

\*  
Eu só, quando a Lyra  
Encosto no peito,  
Celebro as conquistas,  
Que em mim se tem feita,

\*  
Não foram dragões,  
Nem velas ao vento,  
Que alçarão trophéos  
Ao meu vencimento.

\*  
Foi finto esquadrão  
De vistas brilhantes,  
Que solta o meu bem  
Dos olhos galantes.

---

O D E XVII.

*O Copo de prata.*

**T**oma esta prata; abre nella  
Ou paizes, ou figuras;  
Armas não; cá para mim,  
De que servem armaduras?

\*

Eu abomino combates!  
Faze-me, ó mestre profundo,  
Hum copo recommendavel,  
Quer por largo, quer por fundo!

\*

Não esculpas nelle hum Signo,  
D'aquelles, que trazem chuvas;  
Lavra-lhe, em roda, huma vinha  
Farta de parras, e d'uvas.

\*

Exprime, ao vivo o Deos Baccho,  
E o tenro inquieto Amor,  
Fazendo a vendima, alegres  
Com Bathylo encantador.

---

O D E XVIII.

*Ao mesmo motivo.*

**M**estre d'arte, d'arte bella,  
No mundo o mais afamado!  
Prepara-me, desta Prata,  
Hum Copo bem trabalhado.

\*

Abre nelle a Primavera,  
Com tua mão delicada,  
Das rosas, meu doce encanto,  
Airosamente toucada.

\*

Grava os festejos brincões,  
A' minha alma lisongeiros:  
Mas nunca os nefandos cultos  
Dos dous vates estrangeiros.

\*

Nada de tragico; põe-lhe  
Baccho as taças ministrando,  
E co'pequeno Hymineo  
A Deosa Venus dançando.

\*

De fofa parceira á sombra,  
Com roxos cachos pendentes,  
Pinta os amores sem armas,  
E as almas Graças contentes.

\*

Não te escapem bons mancebos  
Mettidos em felestria,  
E entre elles o Louro Apollo,  
Trasbordando de alegria.

O D E XIX.

*Ao beber.*

**B**Ebe a terra quanto chove;  
As plantas bebem da terra,  
O Mar bebe o ar, e o Sol  
Das aguas, que o mar encerra.

\*

Ao mesmo Sol bebe a Lua,  
Tudo bebe. E sendo assim;  
Porque razão, de beber  
Me quereis privar a mim?

---

O D E XX.

*A' sua Amada.*

**D**A Tantalo a filha,  
Na idade passada,  
Em penha na Frygia  
Se achou transformada.

\*

E Progne igualmente,  
Princeza mesquinha!  
Perdeo sua fórma,  
Em vaga andorinha.

\*

Oh! quem, n'um espelho,  
Se vira mudado,  
Por ser muitas vezes,  
Por ti encarnado!

\*

Oh! quem, n'um vestido,  
Tornado se vira,  
Só porque teus hombros  
Galantes cobrira.

\*

Oh! quem se vertèra  
Em banho gostoso,  
A fim de lavar-te  
O corpo mimoso.

\*

Quem fora pumada  
Macia, e fragante,  
Que untasses com ella  
Teu peito galante.

\*  
Quem fora teu Lenço,  
Ou fio da moda,  
Que a bella garganta,  
Te ornasse de roda.

\*  
Ao menos chenela  
Polda, e airosa,  
Aonde me teões  
A planta mimosa.

---

O D E XXI.

*De si mesmo.*

**R** Aparigas, ministrai-me  
Essa taça trasbordando  
Do rubro Licor de Baccho,  
Pois 'stou de sede estalando

\*  
Trazei-me grinaldas novas,  
Com que metigue este fogo;  
Trazei-as viçosas, que hoje,  
Mal que as ponho murchão logo.

\*  
Mas todo este ardor externo,  
Não entr'em comparação,  
Co'aquelle incendio amoroso,  
Qu'encerro no coração.

---

O D E XXII.

*A Bathyllo.*

**M**Eu lindo Bathyllo,  
Comigo te assenta,  
Debaixo do freixo,  
Que sombras ostenta.

\*  
Os Zefiros brandos  
As azas pulsando,  
As folhas lhe agitão,  
Em si murmurando!

\*  
Ao pé d'huma fonte  
Em branda corrente,  
Excita a brandura  
Em todo o vivente.

\*

Ah! qual passageiro,  
Vendo este lugar,  
Se nega, a vir nelle  
O fresco tomar?

---

O D E XXIII

*Ao Ouro.*

**S**E as riquezas me podessem  
Os meus dias prolongar,  
Poria todas as forças  
Em hum thesouro ajuntar.

\*

A fim de que vindo a morte,  
Que todo o vivo atropella,  
Dando-lhe huma grande soma,  
Se fosse embora com ella.

\*

Mas se remedio não temos  
Para estender nossos dias,  
Para qu'havemos levallos  
Em lamentos, e agonias.

\*

Se a morte a ninguém perdoa,  
Se isto he Lei do Fado austero,  
E o dinheiro a não révoga,  
Para q'outro cousa o quero?

\*

Eis-aqui, porque não heide  
Por elle, verter suores,  
Antes beber c'os amigos,  
E dançar c'os meus amores.

---

O D E XXIV.

*Ao mesmo motivo.*

**E**M fim eu nasci mortal;  
E he da sorte dos mortaes,  
O fazer, sobre este mundo,  
Hum breve giro, e não mais.

\*

Apenas sei das passadas,  
Deste tempo, que hei vivido;  
O que me resta a fazer,  
Tem-mo o futuro escondido.

\*  
Longe de mim reflexões,  
Longe cuidados: em fim,  
Se de nada me valeis,  
Ponde-vos longe de mim.

\*  
E em quanto não vem a Parca,  
Os meus dias suspender,  
Quero folgar, quero rir,  
Quero dormir, e beber.

---

O D E XXV.

*A si mesmo.*

**A** Penas que eu bebo  
De Baccho o licor,  
No peito adormeço  
Angustias, e dor.

\*  
Porque heide meus dias  
Passar em canceira,  
Se eu heide acabar,  
Por mais que não queira!

\*

Ah! fujaõ-se enganõs;  
Façamos melhor  
O tempo, bebendo  
De Baccho o licor.

Pois logo que o bebo,  
Com rapido effeito,  
Angustias, pezares,  
Me dormem no peito.



O D E XXVI.

*Ao mesmo motivo.*

**Q**Uando eu bebo, os meus cuidados  
Dormem n'huã sono profundo;  
E tenho, que ao grande Cresso  
Excedo, em rico, no mundo.

\*

De repente o doce canto  
Me sahe da boca abrazada,  
E d'heras verdes toucado,  
Tenho tudo o mais em nada.

\*

Vá quem quizer por seu gosto  
Seguir de Mavorte a lei;  
Corra á espada, ás lanças corra,  
Que eu ás taças correrei.

\*

Prestes, rapaz, dá-me o copo;  
Minha alegria, e conforto;  
Antes me vejão deitado,  
Por borracho, que por morto.

---

O D E XXVII

*A Baccho.*

**T**Anto que o sumo,  
Tenho esgotado,  
Que foi por Bromio  
Aos homens dado.

\*

Elle dissipa  
Minha amargura,  
Lança, em minha alma,  
Riso, e doçura.

\* 18 \*

\*  
Elle mi'rasina  
Baile engraçado,  
Sem que a enoje  
Ver-me toldado.

\*  
Vem-me plausivel  
Vem-me encantar,  
E tremulo, e ebrio.  
Entro a bailar.

---

O D. E. XXVIII.

*A. sua Amada.*

**E** Ia perito pintor,  
Pintor decantado em Rhoda  
Que desta Arte peregrina  
O Rei acclamar-te podex.

\*  
Pinta-me a minha adorada,  
E posto qu' esteja ausente,  
Eu vou descrever-te a a viro,  
Pois sempre a tenho presente.

\*

Primeiramente, os cabrillos  
Lhe traça longos, e finos;  
E se o pincel o permite,  
Cheirem a aromas divinos.

\*

Abaixo destas madeixas,  
Quaes minha alma t'as dectreva;  
Lança huma fronte tão alva;  
Como a brancura da neve.

\*

Deves suas sobranceilhas  
Com tal cautela pintar,  
Que chegadas, seja em modo,  
Que deixem de te tostar.

\*

Deixa em theto hum breve espaço;  
Qual hum ponto, hum quasi nada;  
E faze as suas pestanas;  
D'huma côr azevichada.

\*

Seus olhos de vivo fogo,  
E azues, quate Minerva os toth;  
D'huma molleza expressiva,  
Ígual de Cupido a Mãe.

\*

Compõe, pintor peregrino,  
As suas faces mimosas,  
D'huma mistura de leite,  
Mas amassado com rosas.

\*

Quaes rubins, e persuasivos  
Deves seus labios fazer,  
Que deixem o mundo inteiro,  
Por seus beijos a morrer.

\*

Pasmadas neste composto,  
Qu'eu t'informo, e vais pintando,  
Descreve-lhe as graças meigas,  
Já descendo, já trepando.

\*

Veste-a de purpura, e deixa  
Alguma parte ficar,  
De seu bom corpo, despida,  
Para do mais se julgar.

\*

Mais não careço dizer-te:  
Ao meu bem a copia iguala,  
Não só me parece vê-la,  
Parece-me até que falla l.

---

O D E XXIX.

*A Bathyllo.*

**O** Delicado Pintor,  
Tu rival da natureza!  
Pinta, segundo t'informo,  
Do meu Bathyllo a belleza.

\*

Pinta-lhe os longos cabellos,  
Como de balsamo untados,  
Luzentes por entre negros,  
E de côr d'ouro mesclados.

\*

Deixa-os cahidos em bugres,  
Por huma, e por outra parte,  
Sem estudo, sem alinhó,  
Sem concerto algum, sem arte.

\*

Faze as suas sobranceilhas,  
D hum escuro relevante,  
E que á frente, côr dos lyrios,  
Seja o limite galante.

\*  
 Os olhos, pinta-lhos negros,  
 Entre fereza, e obscuro,  
 Que mostrem de Marte as iras,  
 E de Venus a torruca.

\*  
 Vê se consegues que tenham  
 Com ambos tal semelhança,  
 Que nelles descubra a hura tempo,  
 Sustos, por entre esperança.

\*  
 Pinta-lhe as faces vermelhas,  
 Mas do vermelho das rosas;  
 Cheias de hum pelle mimosa,  
 Qual o das fructas viciosas.

\*  
 Apura, quanto ser posso,  
 Entre esta galante e os;  
 Hum certo fogo, que nasce,  
 De repentina pudor.

\*  
 A boca, não sei dizer-te,  
 De que maneira se feza;  
 Mas em geral, nella, abunde  
 Doce expressão, viva graça.

\*  
Ou porque tudo te diga,  
N'humã palavra somente,  
Precisa que este retrato,  
Tenha o silêncio eloquente.

\*  
Faz-te o rosto comprido;  
E imita, Pintor perfeito,  
Na sua garganta, Adonis;  
Mercurio nas mãos, e peito.

\*  
Mas tu sempre tens Nã arte,  
Que atraícoa o nosso gosto!  
Porque lhe vestes seus hombros,  
O mimo deste composto?

\*  
Da belleza de seus pés,  
Para que te hei de informar,  
Se temos aqui modelo,  
Que te possa governar.

\*  
Por esta estatua d'Apollo,  
Pinta aqui Bathyllo bello;  
Se Apollo em Samos pintares,  
Tens em Bathyllo o modelo.

---

O D E XXX.

*Do Amor.*

**C**Om festões de frescas flores,  
As Musas Amor prendêrão,  
E acautelando-lhe a fuga,  
Em guarda á belleza o derão.

\*

A livrallo, affadigada  
A linda Venus correo;  
E c huma sonza avultada,  
O seu resgate emprehendeo.

\*

Mas inda qu'ella consiga  
A ventura de o remir,  
Talvez, que d'alli não saia,  
Já costumado a servir.

---

O D E XXXI.

*A si mesmo.*

**D**Eixai-me a meu gosto,  
Deixai-me beber,  
Eu quero em furores  
Minha alma accender.

\*  
D'Euriphile o filho,  
E Orestes raivoso  
Sentirão, por crimes,  
Furor espantoso.

\*  
Eu sem os remorsos  
De ser matricida,  
Vou ser furioso  
Com muita bebida.

\*  
O bravo Thebano,  
Co'a flecha de Ephyto,  
Ajunta em furores  
Delicto a delicto.

\*  
 Hum Ajax insano  
 Com seu grande escudo,  
 E a espada d'Heitor  
 Investe com tudo.

\*  
 Co'a taça na mão  
 Croado de flores,  
 Sem lança, ou espada,  
 Me entrego a furor.

---

 O D E XXXII.

*A's suas Amadas.*

**S**E podes contar as folhas  
 Do bosque, e areas do mar,  
 Só assim fio que possas  
 Minhas Amadas contar.

\*  
 Põe trinta e cinco d'Athenas,  
 De Corintho hum regimento,  
 Qu'esta Cidade d'Achaia  
 Tem moças, que são portento!

\*  
Da celebre Ilha de Lesbos,  
De Cária, de Jónia, e Rhodes,  
Sem fazer contas por alto,  
Duas mil, contar bem podes.

\*  
Pergunta-me se amei tantas?  
Que não dirás, se contares.  
As do Egypto, Syria, e Crota,  
Onde Amor tem seus altares!

\*  
Que mais queres, que te diga?  
Não contas, n'humma semana,  
Os meus amores da India,  
De Cadix, e Bactriana.

---

O D E XXXIII.

*A Andorinha.*

**T**U vens, andorinha amavel,  
O teu ninho fabricar,  
Apenas vês as campinas  
De brancas flores bordar.

\*  
Mas logo que a terra cobrem  
Os gelos, em larga copia,  
Vais habitar os rochedos  
De Memphys, ou de Ethiopia.

\*  
Amor tem sempre seu ninho  
Dentro do meu coração;  
E reciprocas succedem  
Huma á outra criação.

\*  
Quando huns amores se vêm  
De tenras pennas ornando,  
Já outros novos amores  
Se estão no peito chocando.

\*  
Alguns ha meios tirados;  
Outros co'a casca rachada,  
E co'as boquinhas abertas  
Fazem continua piada.

\*  
Aos qu'inda são pequeninos,  
Dão de comer os maiores,  
E a seu tempo competente  
Produzem novos amores.

\*  
Ai de mim! que hei de fazer?  
Tão fecunda producção  
Nem cabe na minha lingua,  
Nem cabe em meu coração.

---

O D E XXXIV.

*A buma Rapariga.*

**D**E mim não fuja,  
Belleza ingrata,  
Por ver-me as tranças  
Da côr da prata.

\*  
Nem porque vences  
Em côr á rosa,  
Sejas comigo  
Tão desdenhosa

\*  
Olha que bella,  
Linda mistura  
Faz entre as rosas  
Do lirio a alvura!

O D E XXXV.

*A' Europa, e Japiter.*

**O** Touro, que nesse quadro  
As ondás vemos cortando,  
Elle sem *dúvida* he Jove,  
Pelo que estou combinando.

Elle sobre as costas leva  
Huma Sydonia galante,  
E co'as unhas corta as aguas  
Do fundo mar espantante.

Nenhum touro tresmalhado  
Da manada, em *que pastava*,  
Fazia tal! Elle he Jove;  
Outro as ondas não rasgava.

## O D E XXXVI

*Sobre os prometes da vida.*

**P**orque me ensinas proceitos,  
D'hum Rhetorico facundo?  
De que aproveitão lições  
Desnecessarias no mundo?

\*

Antes m'ensina a beber  
A taça de vinho cheia,  
Ensina-me os jogos meigos,  
Da galante Cytherêa.

\*

Já estas cans são os louros  
Da frente rugosa, e velha;  
Dá-me agua, ó mancebo, e mescla-a  
Co' vinho dessa botelha.

\*

Adormece-me os sentidos,  
Pois muito cedo, a meu ver,  
Irei á terra, onde os mortos  
Nada tom que appetecer.

---

O D E XXXVII.

*A Primavera.*

**T**U não vês como em chegando  
A primavera, contentes  
De rubras rosas enfeitão  
As graças o peito, e as frentes?

\*

Não vês como a furia acalmão  
As ondas murmuradoras?  
Não vês como alegres voltão  
As aves mergulhadoras?

\*

Vê como o Sol resplandece,  
E as tempestades se vão;  
Vê como aos olhos são gratas  
As fadigas do villão?

\*

Pare a terra as verdes hervas;  
A Oliveira cobra a côr;  
Corta-se a vide, e no golpe  
Baccho expurga o velho humor.

\*

Por entre as folhas nascentes  
Do tronco grosseiro, e bruto  
Esperanças vem brotando  
De rico abundante fruto.

---

O D E XXXVIII.

*De si mesmo.*

**E**U bem sei, que já sou velho,  
Mas, os copos empinando,  
Vejo desbanço os rapazes,  
Quer bebendo, quer dançando.

\*

A hum odre, em vez de bordão  
M'arrimo; e até esta idade,  
De m'encostar a huma cana  
Não tive necessidade.

\*

Quem deseja batalhar,  
Batalhe quanto quizer:  
O' lá rapaz, traze vinho,  
Dêsse mais doce qu'houver.

\*

A conta da minha idade  
He avultada, bem sei;  
Mas como velho, nas danças  
A Syleno imitatei.

---

O D E XXXIX.

*A si mesmo.*

**M**al qu' eu bebo o doce vinho,  
De repente as minhas penas  
Fogem do peito, e contenté  
Celebro as nove caméras.

\*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,  
De repente os meus pezáres,  
E as reflexões enfadonhas,  
Rápidas vão pelos ares.

\*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,  
Baccho, em jogos engraçados,  
Me transporta alegre, e ebria  
Aos Horizontes rosados.

\*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,  
E cinjo a crôa, que fiz,  
De flores mil variada,  
Celebro a vida feliz.

\*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,  
D' aroma fragrante ungido,  
A' minha amada abraçado,  
Decanto a Mãe de Cupido.

\*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,  
E faço o espirito nadar  
Em grandes copos, então  
As Orgias vou celebrar.

\*

Mal qu' eu bebo o doce vinho,  
Tênhõ este ganho subido,  
Que a Parca, que leva tudo,  
Não leva o que está bebido.

---

O D E XL.

*A Cupido.*

**E**Ntre rosas, que apanhava,  
O mal fazejo Cupido,  
Não vio huma loura abelha,  
E foi por ella mordido.

\*

Mañ que picado se vio,  
Na tenra mão, entre dor,  
Começou de levantar  
Hum magoado clamor.

\*

Já correndo, e já voando  
A candida Máí buscou;  
Ai morri, morri, dizia,  
Ai Máí, teu filho espirou.

\*

Olha bem; mordeo-me aqui  
Pequena, alada serpente,  
A que dá de abelha o nome,  
Do campo a enganada gente.

\*

Ella vendo, disse: O' filho;  
Se isto tanta dor te faz,  
Que soffrerão os que provão  
Os golpes, que tu lhes dás?

---

O D E XLI.

*Aos banquetes.*

**A** Baccho demos louvores,  
Seu licor bebendo em tanto;  
Author dos coros, amigo  
Dos bailes, e doce canto.

Elle co' Amor  
Terno se avém;  
Elle nos torna  
Mais viva a Mái.

\*

Elle he o deos dos banquetes,  
Donde á alegria se passa;  
Elle deo ser, entre os copos,  
A huma, e á outra Graça.

Por elle a dor  
Triste s'acalma ;  
Por elle a angustia  
Nos morre n'alma.

\*

Logo qu' a taça me trazem  
Os serventes engraçados,  
Sobre as rajadas dos ventos  
Rápidos vão meus cuidados.

Eia bebamos,  
E de repente  
Nos fuja tudo,  
Quanto he pungente.

\*

Que te proveit' essa vida,  
Que pouco a pouco consumes,  
Macerar com reflexões,  
E amargurados queixumes?

Quem sabe as cousas  
Lá do futuro?  
A vida he cáos  
Em tudo escuro.

\*

A mim sómente m'agrada,  
Depois da taça esgotar,  
E perfumar-me de aromas,  
Ir as chorêas ~~bejar~~.

E a par da linda,  
Formosa Isbella,  
Em leves gyros,  
Dançar com ella.

\*

Todos esses, que desejão  
As penas que eu lanço fora;  
Os sequazes da tristeza,  
Vivão tristes muito embora.

Cantemos Baccho,  
Bebendo em tapto,  
Baccho, inventor  
Da dança, e canto.

---

O D E XLII.

*De si mesmo.*

**D**ÃO á minha alma  
Gosto excessivo,  
De Baccho as danças,  
Meigo, e festivo.

\*  
Co'a mocidade,  
Qu' amor respira,  
Gosto, em bebendo,  
Cantar á lyra.

\*  
E mais me encanta,  
Cingir capellas,  
E entrar em jogos  
Co'as Nymphas bellas.

\*  
Minh' alma ignora  
Inda o que seja,  
Maligno influxo  
De negra inveja.

\*  
Eu fujo aos golpes,  
Duros, traidores  
Da aguda lingua  
Dos mofadores.

\*  
Detesto as mofas,  
E a solta grita,  
Que nos banquetes  
O Bromio excita.

\*  
Amo o descanso;  
Apraz-me á lyra  
Dançar co'a bella,  
Qu' amor m' inspira.

---

O D E XLIII.

*A' Cigarra.*

**Q**Uanto Cigarra és ditosa!  
Bebendo frescos orvalhos,  
Cantas, qual huma Rainha,  
Sobre os crutos dos carvalhos,

\*

Tudo, quanto se descobre,  
Que produza o bosqu' ameno,  
He teu; he teu quanto cria  
O vasto pingue terreno.

\*

Tem por ti os lavradores  
Amizade verdadeira,  
Pois tu, jámais, lhe fizeste  
Damno algum á sementeira.

\*

O' Cigarra venturosa!  
Todo o mundo te venera,  
Como alegre profetiza  
Da volta da Primavera.

\*

Amão-te as filhas d' Apollo;  
O mesmo Apollo te adora;  
Elle, por ti decedido,  
Te deo essa voz sonora.

\*

Filha festiva da terra!  
Nem co' tempo t'envelheces,  
Nem, doce amiga do canto,  
Dores, ou males padeces.

\*

Em ti não circula sangue;  
Não és de carne formada;  
Da natureza dos Deoses  
Deferes ou pouco, ou nada.

---

G D E XLIV.

*A hum sonho.*

**S**onhei outro dia  
Qu'andava gyrando,  
As azas, nascidas  
Nos hombros, pulsando.

\*

Qu' Amor me seguia,  
E tendo ligado  
Hum pezo a seus pés,  
Fui delle apanhado.

\*

Que posso inferir,  
Que diga este sonho?  
Não he outra cousa,  
Segundo supponhe,

\*  
Senão, que d' Amor  
Fugindo aos grilhões,  
Jámais o farei  
Das novas prizões.

---

O D E XLV.

*A's settas d'amor.*

**N** As vastas furnas de Lemmos  
Em rija safra, Vulcano  
Batia as settas, qu' atira  
De seu arco o moço insano.

\*  
Venus meiga as temperava  
N'hum vaso de louro mel ;  
O duro filho as untava ,  
Ao depois, de amargo fel.

\*  
Eis de hum combate vaidoso,  
Entrou na furna o Deos Marte  
Pezada lança na mão,  
A espada no talabarte.

\*

Olha ao través sobre as settas,  
Mostrando hum ar de desprezo,  
Desdenha do seu tamanho,  
E mofa do pouco pezo.

\*

Amor, tomando huma dellas,  
Com sua pequena mão,  
Lhe disse: Pega-lha Marte,  
Observa se peza, ou não.

\*

Ao ir tomalla, surrio-se  
A galante Mãi d'Amor;  
Pegando-lhe deo suspiros  
Hum Marte, e mudou de côr.

\*

Toma-a, disse: he bem verdade;  
Não só peza, he fogo ardente:  
Guarda-a lá, lhe torna Amor,  
Della te faço presente.

O D E XLVI.

*Ao poder do Ouro.*

**O** Não amar he desgraça ;  
Amar , desgraça he tambem !  
Mas a maior he amar  
Nymphas , que amor nos não tem.

\*

Sangue , Virtude , Saber ,  
Talhe airoso , e gentileza ,  
São pequenos attractivos  
Aos olhos d'humã Belleza.

\*

Ouro sómente lhe arranca ,  
Do peito amourosos ais ;  
Ouro faz ditoso o amante ,  
Não virtudes pessoas.

\*

Maldito aquelle primeiro ,  
Que rasgando a terra dura ,  
Fez sahir este inimigo ,  
A ver do Sol a luz pura.

\*

Por elle, que tanto cega,  
Com refulgente clarão,  
Atraíçoa ao Pai seu filho,  
Hum Irmão ao outro irmão!

\*

Com elle ao mundo vierão  
Heroes, de havello sedentos,  
Por entre sangue esparzido,  
Por entre roubos violentos.

\*

Por elle, maldito seja!  
Vê o mundo, a cada instante,  
Comprar hum rico rival,  
O premio d'hum terno amante.

---

O D E XLVII.

*A' velhice alegre.*

**E** Ncanta-me ver hum velho,  
Que nunca foi rabugento,  
Que s'alegra, e se mistura  
Dos moços no ajuntamento.

Com elles, d'involta  
Bebendo, e folgando,  
Em doces prazeres  
Seus dias findando.

\*

Hum velho destes confunde  
A ardente, co'a fria idade!  
Em que differe este gelo  
Das brazas da mocidade?

Se bebe, se ri,  
Se joga, se dança,  
Só acho que he velho,  
Na alvura da trança.

Ó D E XLVIII.

*Em banquete com os amigos.*

**T** Razei-me a lyra  
Do grande Hórniero,  
Qu' em lauta mesa,  
Tangella quero.

\*  
Tirai-lhe a corda  
De som pezado,  
Que as lutas canta  
De Marte usado.

\*  
Com doce Bromio,  
Que me transporte,  
Trazei-me os copos  
Da minha sorte.

\*  
Eu os mesmos;  
Dai-me os bilhetes:  
Hei de ser hoje  
Rei dos banquetes.

\*  
Resta, em furor,  
Que Baccho inspira,  
Cantar seus Hymnos  
Ao som da lyra.

\*  
Cante-se a gloria  
Desta Deidade;  
Solte-se o canto  
Com liberdade.

---

O D E XLIX.

*A' cerca de Baccho.*

**O** Uve, Pintor affamado,  
Os meus lyricos acentos;  
Move no quadro o pincel,  
Conforme a meus pensamentos.

\*

Pinta-me o Deos das vindimas,  
Sobre o carro magestoso,  
Em que, nas margens do Ganges,  
Os tigres jugou vaidoso.

\*

Os Satyros pinta em roda,  
E as Bacchantes, gente louca,  
Dançando, e hum ebrio tangendo,  
Com duas flautas na boea.

\*

Pinta as Cidades festivas,  
Este Numen celebrando,  
Em pompa, fausto, e applauso  
Por suas ruas levando.

\*

E se o pínxel o permite,  
Se tanto podem as cores,  
Exprime ao vivo essas leis,  
Que guardão os bebedoras.

---

O D E L.

*Ao Deos Baccho.*

**E** Ste Deos, que fortalece  
A mocidad' entre as taças,  
Qu' ensina os jogos, e as danças,  
Dá saude, e inspira as graças.

\*

A nós torna, e vem com elle  
Aquelle rouxo licor,  
Qu' infunde n' alma alegria,  
E do peito espanca a dor.

\*

He este o sumo da vide,  
Qu' inda não bem sasonado  
No cacho, á sombra das parças,  
Está do tempo guardado.

\*  
Mas logo qu' o ferro o corté,  
E o calque o pé rigoroso,  
Sahirá, e em larga cuba  
Se cozerá generoso.

\*  
Então no copo espumando,  
Ao cheiro, e gosto agradável,  
A nossos cançados cospos  
Dará hum vigor saudavel.

\*  
O corpo, e 'sprito sadío  
Nos trará licor tão puro,  
Até que benigno venha  
Ver-nos no Outono fúmro.

---

O D E LL

*A Venus nadando.*

Q Ual foi o pincel divino,  
E qual a mão d' invejar,  
Que tão proprios pôde os mares  
Nesta bandeja pintar?

\*  
Que os pôde exprimir ao vivo,  
De si mesmo entumescendo,  
E em rolos de branca espuma  
Sobre as areãs correndo?

\*  
Só com viva fantasia  
Por alto Numen inflamada,  
Pintava, como pinna,  
Venus aos mares lançada!

\*  
Despido aos olhos nos deixa  
Seu lindo corpo nevado;  
Mas quanto a modestia vòda,  
As ondas nos têm vedado!

\*  
O cristal do mar ondoso  
D'huma em outra parte errando,  
Corta c'os braços nevados,  
E o vai c'o peito arrostando.

\*  
As espaldas, que apparecem,  
E occulto, ao cimo do mar,  
Brilhão, como entre as violetas,  
Vemos os tidos brilhar.

\*

Com qu'arte pôz a mão destra  
Cupido, e seus servidores,  
Brincando em torno da Deosa,  
Sobre delfins nadadores!

\*

Do fundo pego attrahidos  
Sobem das aguas ao lume,  
Por vê-la os Tritões, e os peixes,  
Em rebanhado cardume!

\*

Por entre o cristal das ondas  
As lindas costas alvevão;  
Peixes, Tritões, e Golfinhos  
Em roda a sombra lhe beijão.

---

O D E LII,

*A Vindima.*

**Q**UANTO he doce ver n' Outono  
Peças vinhas misturados,  
Moças louçans, e marcebos,  
Na vindima affadigados.

\*

Huns enchem fundos cabazes  
Dos cachos, qu' alegres cortão;  
Outros em chusma, e folgado  
Aos lagares os transportão.

\*

Ahi alternando as plantas,  
Fazem do bago esmagado  
Sahir, em fervida espuma,  
O doce mosto rosado.

\*

Em altos risos, e em grita,  
Recitão facessias Rimas  
Ao velho Syleno, e a Baccho,  
Presidentes das vindimas.

\*

Que alegria os não transporta,  
Quando, chegando a sazão,  
O sentem dentro das cubas  
Estar fervendo em cachão!

\*

Tu, ó tempo acelerado,  
Parece tardo lhe passas,  
Thé ao tempo de cozido  
Erguer espuma nas taças!

\*  
He então, qu' em risos doces  
Vêm, de gosto repassados,  
O cumprimento das preces  
No fructo de seus cuidados.

\*  
Então se bebe, e com elle  
Esforçado o velho dança,  
E ao tremulo pé imita  
Nas costas a nivea trança.

\*  
Vê-se logo, em fogo acceso,  
O mocetão bebedor  
Passar do lume de Baccho,  
A's lavaredas d' Amor.

\*  
Eis atrevido se posta  
Junto da bella, que adora;  
Elle em franqueza lhe falla,  
Ella de pejo se dá.

\*  
Amor se ri das finezas,  
Ditas em tal liberdade;  
Baccho promove as desordens  
Do vinho, e as incitadas.

\*  
Estes dons fogos ao peito  
Dão calor, e valentia;  
Então explica, e faz quanto,  
Nem fizera, nem diria.

\*  
Eis-aquí, como este sumo,  
Do roxo caço tirado,  
A's vezes o amante sério  
Torna amante confiado.

---

O D E LIII.

*A's Rosas.*

C Antemos a Primavera  
De lindas flores creada;  
Dêmos louvores á rosa,  
Ao som da lyra afinada.

\*  
Eu sou pouco: dá-me auxilio  
Das Musas amigo, e meu;  
Cante-se a flor, que prezirão  
Os Numes da terra, e Ceo.

\*

A rosa, he perfum' aos Deoses,  
He dos homens o prazer;  
As graças, surrindo, a colhem,  
E vão das tranças prender.

\*

Faz as delicias de Venus  
Pela Estação dos Amores;  
As lyras de toda a idade  
Repetirão seus louvores.

*Amigo.*

He o desvelo das Nymphas,  
E as Pierides sagradas,  
Sem medo aos bicos, a colhem  
Com suas mãos delicadas.

*Anacreonte.*

A rosa faz, pelo estalo  
De suas folhas galantes,  
Que julgemos dos successos  
Ou bons, ou máos dos amantes.

*Amigo.*

A rosa ou seja na planta,  
Ou em fartos ramalhetes,  
Faz os prazeres do campo,  
Faz a graça dos banquetes.

*Anacr.*

Que pôde ser bom sem rosas,  
Se n'expressão dos cantores  
Forão sempre o mimo, e enfeite  
Das graças, e dos Amores?

\*

A rouca Aurora de rosas  
Os seus lindos dedos tem,  
As Nymphas os tenros braços,  
E o rosto d' Amor a Mãi.

*Amigo.*

A Medicina sem rosas,  
Tyranna falta sentira,  
Donde o balsamo encontrara,  
Que das suas folhas tira!

\*

Ella dá fragancia aos corpos,  
Ao tempo resiste, e a rosa  
Tem já seccá o bello cheiro,  
Que tinha quando viçosa.

*Anacr.*

De sua origem tratemos:  
Mal que vio nascer o mar  
Venus de suas espumas,  
E suas ondas cruzar,

\* 80 \*

\*  
Quando da frente de Jove  
Pallas guerreira sahio,  
Então a terra gostosa  
Esta planta produzio.

*Amigo.*

Todos os Deoses do Olympo  
O seu nascimento honrarão,  
E do Nectar precioso,  
Suas folhas borrarão.

\*

Ao mesmo instante, das folhas  
Se vio rebentar vaidosa,  
De mil espinhos guardada,  
Dos Deoses a flor mimosa.

---

## O D E L I V .

*De si mesmo.*

**A** Vista do bello rarcho  
De mancebos, e donzellas,  
De velho me torne moço,  
E folgo em dançar com ellas.

\*

Faze-te moço tambem;  
Imita-me caro amigo;  
Dá-me capellas de rosas,  
Move as plantas, vem connigo.

\*

Pois que de mim s'alongou  
O pezo da longa idade,  
E em rapaz me transformei,  
Vou dançar co'a mocidade.

\*

Trazei-me de pressa a taça;  
Esse licor generoso,  
Ao velho em moço tornado,  
Tornará mais vigoroso.

\*

Veja-se hum velho que folga;  
Que bebe sem ser pedido;  
Desinquieta brincando,  
Sem fazer-se aborrecido.

---

O D E LV.

*Sobre os Amantes.*

**O**S cavallos se distinguem,  
Nas suas raças diferentes,  
Pelos signaes, que na espada  
Lhe imprimem ferros ardentes.

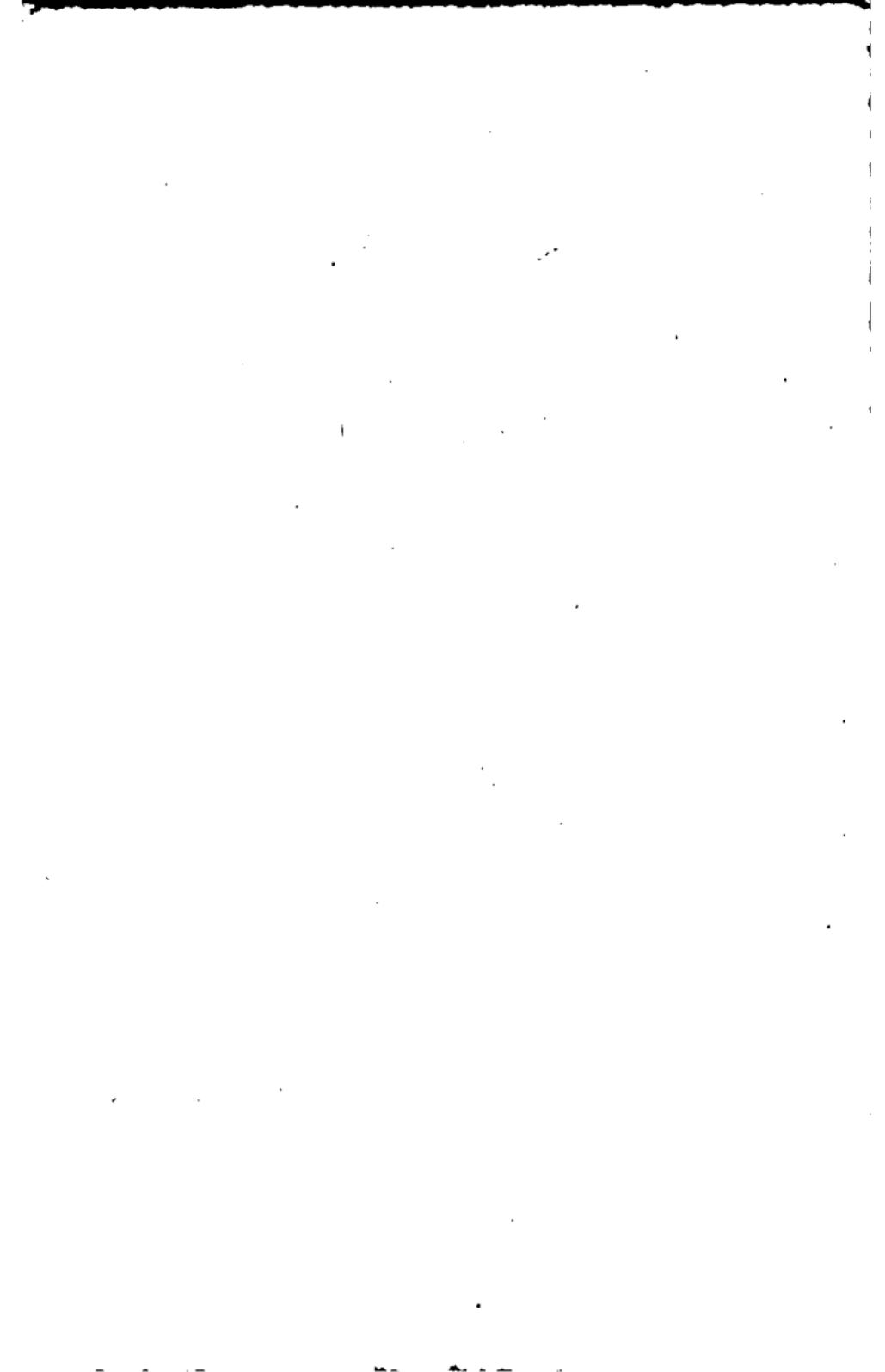
\*

Distinguem-se na campanha  
De Marte as gentes guerreiras,  
Humas nas tores dos elmos,  
Outras nas suas bandeiras.

\*

Tem os Amantes tambem  
Nos olhos certos signaes,  
Que se intentão disfarçar-se,  
Então se descobrem mais.

F I M.



2

5









000  
the Library on or before  
stamped below.

A fine of five cents a day is incurred  
by retaining it beyond the specified  
time.

Please return promptly.

